

ATLAS MUNICIPAL E O ESTUDO DA LOCALIDADE NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Elza Yasuko Passini¹
João Pedro Pezzato²

Resumo

O estudo da localidade tem sido indicado como forma de tornar o entendimento de diferentes temas da Geografia mais significativo. Assim, temos desenvolvido o Atlas Municipal de Maringá em uma concepção de produção de material didático que possibilite a utilização de diferentes linguagens como forma e a Geografia da localidade como conteúdo. Perseguindo esse objetivo e buscando proporcionar aproximações de experiências vividas dos sujeitos envolvidos com os saberes historicamente selecionados pela Geografia escolar, o material busca promover a análise a partir das experiências cotidianas e das interpretações possíveis, realizadas no contexto da interação escolar. O que é local e concreto e o que é local e abstrato para alunos de 7 a 11 anos? Como o estudo das coisas mais próximas podem contribuir para uma visão do contexto social e espacial? Tentando trilhar um caminho metodológico para tornar a localidade um objeto de reflexão do mundo atual, elaboramos o Atlas Municipal de Maringá, Paraná, Brasil, contendo imagens, mapas, e outras representações. A leitura de uma paisagem fotográfica pode envolver o aluno no espaço geográfico mais próximo, num movimento em que conhecimento e percepção subjetiva estejam entrelaçados. O caminho que provoque a confluência da paisagem, como eixo temático, e a cartografia escolar, como linguagem, podem viabilizar a construção de um estudo analítico, estágio avançado de

¹ Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Geografia
elzayp@wnet.com.br

² Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Rio Claro
Departamento de Educação
jpezzato@rc.unesp.br

leituras tanto de textos como de mapas. O Atlas em fase final de elaboração pretende atender alunos dos ciclos iniciais do Ensino Fundamental para que leiam a Geografia do espaço das ações cotidianas codificando e decodificando os elementos da paisagem. O processo de produção do material em questão envolveu alunos de graduação e de pós-graduação, professores do Ensino Básico e Superior e alunos do Ensino Fundamental do município, num trabalho de parceria, compartilhando informações, dúvidas, bibliografias. Esperamos que o material possa contribuir para o enriquecimento das reflexões a respeito da melhoria da qualidade do ensino de Geografia.

Palavras chave: leitura, espaço, ensino, lugar.

Fazer uma reflexão a respeito das práticas a serem desenvolvidas para o estudo da localidade no ensino da Geografia escolar é uma das propostas do presente artigo. Pretendemos discutir as concepções metodológicas que nortearam a elaboração do Atlas Municipal de Maringá no sentido de que ele foi produzido com o intuito de possibilitar um ensino comprometido com perspectivas de aprendizagens significativas a respeito de temas atinentes aos conteúdos selecionados culturalmente para o ensino da Geografia.

Como, no ambiente das salas de aula, podem ser propiciadas aproximações entre as experiências vividas pelos sujeitos e os saberes historicamente selecionados pelo currículo da Geografia escolar? Quais formas de estabelecer relações entre o saber local, o saber cotidiano, e os saberes considerados válidos, os filosóficos, os científicos, na educação formal?

Estas perguntas nortearam todo o processo de elaboração do referido Atlas e continuam fazendo parte de nossas buscas na medida em que elas não são simples e não nos propomos aqui respondê-las, pois tais questões perpassam discussões de ordem epistemológica da Ciência

moderna, como aponta Boaventura de Souza Santos (1988) e Clifford Geertz (2002).

Esperamos primeiramente que o Atlas seja utilizado nas aulas de Geografia. Em segundo lugar, que os professores criem situações desafiadoras que estimulem os alunos à re-significarem suas experiências vividas conseguindo articula-las aos saberes historicamente selecionados pelo currículo da Geografia.

Pensamos que essa aproximação entre conhecimento espontâneo e conhecimento científico ocorra de forma significativa quando o objeto de estudo é a localidade onde o aluno reside, vive, consome, estuda e circula.

A re-significação desse espaço conhecido pelas ações cotidianas será enriquecida de análises dos elementos da paisagem, ao utilizarmos diferentes linguagens e, no caso de estudos geográficos, tem destaque a linguagem cartográfica.

Assim, nesse trabalho, procuraremos discutir a importância do ensino de Geografia escolar em uma perspectiva que respeita, valoriza e contempla as características socioculturais dos alunos na construção de aprendizagens significativas. Por aprendizagem significativa entendemos aquelas que consideram a intersecção entre mundo vivido - mundo percebido, mundo teórico – e mundo prático que possibilita desencadear aprendizagens previstas no currículo oficial.

Em uma perspectiva de educação intercultural, buscaremos fazer uma reflexão a respeito da articulação entre os saberes prescritos oficialmente para o ensino da Geografia e o estudo da localidade.

O estudo da localidade tem em si uma aproximação com o saber espontâneo dos alunos. A linguagem cartográfica, na medida em que provoca a organização de dados para representa-los, é importante auxiliar como meio

para possibilitar o avanço de um conhecimento empírico para um conhecimento mais elaborado.

Ensino de Geografia, alfabetização e práticas sociais

Temáticas tratando da importância da alfabetização nas séries iniciais do sistema de educação formal têm sido recorrentes na bibliografia atual. Encontramos diversas abordagens para o mesmo termo – “alfabetização” – como, por exemplo, alfabetização científica (CHASSOT: 2004 e CHASSOT: 2003), alfabetização tecnológica (SAMPAIO e LEITE: 1999), alfabetização cultural (2004) e alfabetização cartográfica (PASSINI: 1998).

Entendendo que o processo de ensino compreende a alfabetização, no sentido de viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever e, mais do que isso, sabe, também, fazer uso da leitura, é que discutiremos o ensino de Geografia na escola.

Partimos do princípio propalado por Freire (1986), de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, nesse sentido, entendemos que a leitura do mundo está intimamente imbricada em uma leitura do espaço.

Podemos então fazer uma associação entre as propostas de Freire, Piaget (*apud* Macedo: 1994) pois ambos reconhecem que o significado é anterior aos significantes. Os signos são criações culturais e neste aspecto são bastante elucidativas as reflexões de Foucault (2002).

Os alunos ficam felizes quando conseguem identificar um conceito presente concretamente em suas observações no campo. E, poderíamos dizer, com Foucault, que “as coisas”, os fatos naturais e sociais, sempre estiveram presentes, mesmo antes de serem conceituadas ou nomeadas com “palavras”.

Os estudos teóricos partem de “coisas” que existem e à luz de diferentes ciências, por associações, correlações ou agrupamentos serão explicitadas.

Conceitos são elaborações culturais e cada cultura, utilizando a própria lógica cria a sua teia de conhecimento como aceito. É a possibilidade de generalização na busca das semelhanças pode levar um conhecimento empírico em conhecimento conceitual.

A criança pode também percorrer este caminho, partindo do seu mundo real e buscar através da sua própria lógica a transposição para o mundo das representações, ou seja, do significado para o significante.

Buscando um dialogo entre as reflexões de Paulo Freire e Milton Santos, Perez (2001) coloca interessantes questões a respeito da relação entre leitura de mundo e de espaço geográfico:

Articular alfabetização e geografia é refletir sobre o homem, a natureza, a cultura, a sociedade, é praticar uma *pedagogia da possibilidade*, fundada numa epistemologia situada entre a teoria e a realidade. (PEREZ, 2001: p.102).

Mesmo que preferíssemos uma outra redação para a frase acima transcrita, (como por exemplo, “uma *pedagogia de possibilidades*, fundada numa epistemologia situada entre teorias e realidades”), a autora coloca questões interessantes em um campo de discussão pouco explorado.

Para a autora, alfabetizar na perspectiva da leitura do mundo é respeitar esses saberes de que nos fala Freire, é valorizar a sabedoria que resulta das experiências culturais locais da criança, para possibilitar que ela avance para além de suas crenças em torno de si-no-mundo e de si-com-o mundo. (PEREZ, 2001: p.107).

Considerando o axioma de que a leitura do mundo implica em uma leitura do espaço, discutimos o currículo de Geografia para podermos pensar em um projeto de construção do Atlas do Município de Maringá-PR.

Ele foi concebido como um material que oferecesse um conjunto de dados, narrativas, informações, imagens, mapas e gráficos sobre o município de Maringá, Paraná, sistematicamente e provisoriamente organizados.

Contando com a experiência e margem de autonomia dos professores, esse material poderia (ou deveria) proporcionar condições de os saberes eleitos para o ensino da Geografia serem recontextualizados, criados e recriados.

Independente de considerar o termo “alfabetização” ou “letramento” como adequado para tratar de concepções de ensino, parece-nos pertinente ter como parâmetro à idéia de um ensino que trabalhe com a perspectiva de levar aos alunos a adquirirem uma tecnologia de codificar e decodificar a língua escrita e apropriar-se da escrita no sentido de assumi-la como sua “propriedade” (SOARES, 1998: p.39)

Parece possível traçar um paralelo entre essa discussão sobre “alfabetização” e “letramento” - do âmbito da linguagem escrita - para o campo da leitura e representação do espaço geográfico: codificar, decodificar e interpretar a paisagem para possibilitar re-leituras. Assim, como no processo da leitura e escrita temos diferentes níveis, no caso da alfabetização cartográfica, também, temos que utilizar nossas habilidades para passar do nível elementar para os mais avançados. No nível elementar, por exemplo, podemos perceber e representar um elemento isolado na paisagem. No nível intermediário, podemos associar os elementos semelhantes e destaca-los na paisagem. E, no nível avançado, chegaremos a síntese, ou seja, a codificação, a decodificação e uma interpretação dos elementos em sua espacialidade.

As atividades propostas pelo Atlas pretendem que o leitor “entre” no mapa, desvende seu conteúdo e reconheça “ as coisas” que ele utiliza no espaço do seu conhecimento: lojas, serviços, ruas, praças, parques entre outros.

Cabe ainda apontar, e não discutir nesse momento, uma importante colocação, feita por Olson (1997: p. 27), de que há uma discussão ainda impossível de ser respondida: “a educação é um instrumento de dominação ou libertação?”.

O Atlas Municipal de Maringá como possibilidade de recontextualizar saberes curriculares

O Atlas Municipal de Maringá contou com uma equipe de professores do ensino superior, fundamental e médio, alunos da graduação e pós-graduação. Envolveu trabalhos com alunos do Ensino Básico das escolas públicas do município. Ele foi testado em diferentes oportunidades por professores do ensino fundamental e também por estagiários³ do curso de Geografia. Nos testes os alunos mostraram-se interessados em conhecer o seu município numa perspectiva diferente daquela experienciada em seu cotidiano.

No entanto, algumas críticas foram feitas como em relação aos textos apresentados pelo material e considerados muito longos e complexos e os mapas com muitas informações. As críticas foram discutidas pela equipe e a cada novo teste, versões diferentes foram sendo elaboradas com adaptações.

A produção do material contou com uma perspectiva de sensibilidade a existência de diferentes grupos sócio-culturais e buscou elementos que pudessem adequar o processo de aprendizagem a características dos grupos e, também, pudesse adquirir saberes considerados essenciais pelo currículo oficial.

Consideramos que um trabalho com a Geografia do município é grande o desafio de utilizar o conhecimento baseado no senso comum, trazido pelos alunos, e chegar em um conhecimento sistematizado a respeito da realidade

³ Estagiários de Prática de Ensino de Geografia, Departamento de Geografia, UEM/2003 e 2004.

vivida. Essa problemática é apontada por professores e foi, também, registrada nos PCN's.

Geralmente são escassos os materiais didáticos que subsidiam o trabalho do professor e proporcionam estudos que tratam de temáticas relacionadas à localidade.

Os professores que disponibilizaram suas classes para o teste foram entrevistados e unânimemente declararam que o material seria muito importante para suas aulas. Eles destacaram que há carência de materiais e de recursos para um trabalho de Geografia e o estudo da localidade nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental.

O estudo da Geografia da localidade, que considera a experiência vivida pelos alunos e a observação e análise de conceitos sistematizados pela Geografia, pode representar um salto de qualidade na formação do sujeito em interação no cotidiano escolar.

A leitura do espaço vivido busca criar significados, abrir um espaço em que a dúvida e o questionamento possibilitam o surgimento do interesse pelo saber. O surgimento de um espaço de comunicação possibilita o estabelecimento da articulação do conhecimento meramente empírico com o que contempla análises integradoras do particular com o universal e vice versa.

No **Atlas Municipal**, os dados foram apresentados por meio de diferentes linguagens, entre elas a do texto escrito, a de tabelas, gráficos, mapas, fotos, entre outras.

Houve uma preocupação de que fossem elaboradas traduções das representações contidas nos Atlas para que, a cada tema apresentado, o aluno consiga entender como as informações estão organizadas.

A partir de dados oficiais sobre o município e o espaço urbano, o aluno é convidado a realizar as investigações em seu espaço delimitado como bairro ou zona onde se localiza a sua escola ou a sua moradia. Ele poderá comparar os dados levantados com as oferecidas no

Atlas para classificar o seu bairro como sendo a regra ou a exceção. Certamente, esse é um procedimento que possibilita no aluno uma construção de atitudes de investigador científico e podemos dizer que é uma aprendizagem estruturante para o desenvolvimento da autonomia intelectual.

No que se refere especificamente ao ensino da Geografia escolar, consideramos fundamental o domínio das linguagens de representação empregadas no campo. Cabe ressaltar, há uma “impregnação mútua” entre diferentes linguagens e o aprendizado destas contribui para a construção de um sistema de representação da realidade. Nas palavras de Machado, um sistema de representação é concebido como um mapeamento da realidade. (MACHADO, 1993, p. 94).

O ensino de noções de cartografia, linguagem que compreende um sistema semiótico complexo que requer o conhecimento de categorias formais específicas, merece destaque pois, conforme o grau de domínio de seu sistema lingüístico, poderá contribuir para a interpretação dos conteúdos selecionados pela Geografia escolar.

Nessa perspectiva, para a efetiva promoção da aprendizagem, garantia do domínio da escrita, do domínio de práticas sociais de leitura e de escrita que possibilitem a inserção dos sujeitos no espaço da cultura, no contexto de seu tempo histórico, é necessário que a escola consiga estabelecer relações entre diversas linguagens, diversos universos comunicativos.

Por esse motivo, os Atlas municipais podem possibilitar o estabelecimento de relações entre os conhecimentos cotidianos e os saberes considerados válidos pelas comunidades científicas. Por abordarem diferentes aspectos da localidade e, vias de regra, seguirem tópicos consagradas pelos conteúdos selecionados pela Geografia escolar, como, localização geográfica; processo Histórico de ocupação; clima (variação térmica,

pluviométrica); vegetação original; geologia, geomorfologia, tipos de solo; rede hidrográfica; uso do solo urbano e rural; demografia; mobilidade da população, circulação de mercadorias, entre outros, os atlas municipais carregam elementos ricos do potencial de recontextualização curricular.

O Atlas Municipal de Maringá foi elaborado nessa perspectiva, a de apresentar elementos (imagens, textos, paisagens e narrativas) abertos a possibilidade de tratamento de diferentes conteúdos (temas, conceitos e categorias) tradicionalmente selecionados pela Geografia escolar e, por esse motivo, seu tratamento na escola fosse integrado, correlacionado e trabalhado de forma associada ao conhecimento do espaço vivido pelos alunos da comunidade escolar local.

Nesse sentido, o Atlas municipal possui a possibilidade de desenvolver um trabalho metodológico em que cada conjunto de conteúdos envolva propostas de atividades ou exercícios envolvendo a investigação, a observação, a descrição, a correlação dos elementos vividos com os contemplados pelo currículo oficial.

Buscando uma precária conclusão

O Atlas municipal de Maringá foi elaborado a luz de um conjunto de concepções que buscaram produzir um material didático que possibilitasse o estabelecimento de recontextualização curricular. Ou seja, que ele possibilitasse a interação e recriação de conhecimentos tidos como válidos, e prescritos oficialmente, e concepções cotidianas culturalmente construídas pelos sujeitos no universo de relações.

Teve, também, como elemento norteador, uma concepção de ensino que buscasse promover leituras e releituras de textos, leituras e novas leituras de espaços e de mundos.

Acreditamos que para isso, é necessário, conceber um ensino que trabalhe com a perspectiva de levar os alunos a adquirirem uma tecnologia de codificar e decodificar a língua escrita e apropriar-se da escrita no sentido de sentir-se capaz de envolver-se em praticas sociais de leitura e escrita.

É preciso que o aluno se torne sujeito da construção do conhecimento, no sentido de re-significar o espaço conhecido em um espaço geográfico: um geógrafo investigador e mapeador.

REFERÊNCIAS

- BARON, Dan (2004). Alfabetização Cultural. Sao Paulo: Alfarabio.
- BRASIL (1997). “Parâmetros Curriculares Nacionais – História/Geografia.” Secretaria de Educação Fundamental, Ministério da Educação e do Desporto. Brasília.
- CHASSOT, Attico (2003). Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n° 22, jan/fev./mar./abr, p. 89 – 100.
- CHASSOT, Attico (2004). Saberes populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para alfabetização científica In: ROMANOWSKI Joana Paulin, MARTINS Pura Lúcia Oliver e JUNQUEIRA Sérgio R. A. (Orgs.) *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologia na educação*. Curitiba: Champagne, vol. 2, p. 53 – 60.
- FOUCAULT, Michel (2002) As palavras e as coisas. São Paulo : Martins Fontes.
- GARCIA, Regina Leite e MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (orgs.) (2003). Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios. São Paulo: Cortez.
- GEERTZ Clifford (2002). O saber local. Petrópolis, RJ : Vozes.
- HANNOUN, Hubert (1977) El niño conquista el medio – las actividades exploradas en la escuela primaria. Buenos Aires : Kapelusz.
- MACEDO, Lino de (1994) Ensaio construtivistas. São Paulo : Casa do Psicólogo.
- MACHADO, Nilson José (1993). Matemática e Língua Materna – análise de uma impregnação mútua. São Paul: Cortez.
- OLSON (1997). O mundo no papel – implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática.
- PASSINI, Elza Yasuko (1994) Alfabetização Cartográfica e o livro didático, uma análise crítica. Belo Horizonte : Lê.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. (1981) La representation de l’espace chez l’enfant. Paris : PUF.
- SAMPAIO, Marisa Narcizo e LEITE, Lígia Silva (1999). Alfabetização Tecnológica do professor. Petrópolis, RJ : Vozes.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1988). “Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.” *Revista de Estudos Avançados*, n°2, vol. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo.

SANTOS, Milton (1985) *Pensando o espaço do homem*. São Paulo : Husitec.

SOARES, Magda (1998). *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.